

A CORRELAÇÃO ADITIVA NOS SÉCULOS XVII E XVIII À LUZ DA LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO

Brenda da Silva Souza

Orientador: Ivo da Costa do Rosário

Mestranda

RESUMO: Esta pesquisa objetiva analisar as construções correlatas aditivas nos séculos XVII e XVIII a partir dos referenciais teóricos oferecidos pela Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU). De acordo com a LFCU, a língua é concebida como uma rede de pares convencionalizados entre forma e significado (TRAUGOTT E TROUSDALE, 2013, p. 1), e a gramática não é vista como uma estrutura rígida, mas maleável, “que está num contínuo refazer-se” (FURTADO DA CUNHA; COSTA; CEZARIO, 2015, p. 42) e, por isso, está sempre sujeita a mudanças e inovações decorrentes do uso. Nesse ínterim, contrariando a abordagem teórica mais tradicional, que geralmente elenca somente a coordenação e a subordinação como processos de estruturação de cláusulas, defendemos a hipótese de que a correlação aditiva muito se difere da coordenação aditiva, conforme resultados já evidenciados em Rosário (2012) e Gervasio (2016) e, por isso, merece ser analisada de forma autônoma. Nesse sentido, objetivamos apresentar uma análise quali quantitativa das construções correlatas aditivas em uso nos séculos XVII e XVIII, a fim de cooperar com a elaboração de um quadro completo da descrição desse tipo de construção na língua portuguesa, a partir dos estudos funcionalistas. Em nossa metodologia, que possui caráter não somente teórico, mas também empírico, orientamos nossas análises a partir dos dados coletados de *corpora* de modalidade escrita. A consideração de fatores de frequência, especialmente as noções de frequência *type* e *token* (BYBEE, 2007), bem como a relevância de fatores intra e extralinguísticos nortearam nossas análises.

PALAVRAS-CHAVE: correlação, adição, Linguística Funcional Centrada no Uso.

Considerações iniciais

O debate em torno da existência ou não de outros processos de integração de orações além da coordenação e da subordinação tem suscitado diversas pesquisas na área de teoria e análise linguística e de linguística aplicada. Contrariando a abordagem teórica mais tradicional, que elenca somente os dois já citados processos de estruturação oracional, muitos pesquisadores têm contribuído para a ampliação da discussão sobre esse tema, haja vista trabalhos como o de Módolo (1999, 2005, 2008, 2011), Melo (2001), Castilho (2002, 2010), Rodrigues (2007, 2014) e outros, defendendo diferentes modos de conexão entre cláusulas, especialmente a justaposição e a correlação. Sobre este último processo recai nossa atenção neste trabalho.

A abordagem das construções correlatas aditivas pelos gramáticos mais tradicionais geralmente se dá como um arranjo sintático especial da coordenação, com intuito de expressar vigor, ênfase (BECHARA, 2009, p. 330; LUFT, 2000, p. 47), mas não como um processo distinto, como defendeu Oiticica (1952), em sua importante *Teoria da Correlação*.

Vejamos os casos a seguir, retirados de *corpus* presente no site da Biblioteca Virtual Brasileira (BBM)¹:

(1) [...] Eu penso, que até os mesmos metaes, e o enxofre, que se achão nas plantas, não devem ser, senão compostos de alguns destes princípios, pelo que acho possível, **não só** a transmutação, **como também** a factura dos metaes; se os Chymicos tivessem seguido exactamente a marcha da Natureza nesta operação, terião sem duvida achado esta pedra filosofal; [...] (BBM - 1799)

(2) Na sua viagem, [Colombo] descobria as Ilhas Caraibas, e foi feliz quasi em todo o sentido; não faltou com tudo quem, debaixo de falsas apparencias representasse suas acções á Corte de Hespanha, e, principalmente a instâncias de Fonseca, Bispo de Burgos, este grande homem **nao só** foi privado de seu commando, **mas ainda** conduzido em ferros, como hum criminoso. (BBM- 1800)

Os exemplos (1) e (2) acima, encontrados em textos escritos do século XVIII, ilustram o que chamamos de *construção correlata aditiva*. Em (1), observamos que os elementos que acompanham o par correlato *não só... como também* são sintagmas nominais, o que nos revela um caso de correlação aditiva suboracional. Já em (2), o par *não só... mas ainda* correlaciona dois sintagmas verbais: no primeiro segmento (prótase) temos a oração “*foi privado de seu commando*” e, no segundo segmento (apódase), temos outra oração “*(foi) conduzido em ferros*”.

¹ Disponível em: <http://www.bbm.usp.br>

Quando analisamos construções como as que expomos acima sob o aporte teórico da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), numa visão que integra discurso e gramática e privilegia o uso, notamos que há visíveis diferenças sintáticas, semânticas e pragmáticas quando as comparamos com a chamada *coordenação*. Notamos especialmente que a relação de sentido veiculada pelas *construções correlatas* é de *interdependência* (cf. CASTILHO, 2010, p. 340), diferentemente da *coordenação*, que geralmente traz certo nível de *independência* – sintática ou semântica - entre seus elementos coordenados.

Sendo assim, defendemos neste trabalho que a correlação aditiva muito se difere da coordenação aditiva, conforme resultados já evidenciados em Rosário (2012) e Gervasio (2016) e, por isso, merece ser analisada de forma autônoma, a partir de critérios distintos.

A definição de correlação em que nos baseamos é aquela proposta por Rosário (2012, p. 3), para quem a correlação é uma “construção sintática prototipicamente composta por duas partes interdependentes e relacionadas entre si, encabeçadas por correlatores, de tal sorte que a enunciação de uma (prótase) prepara a enunciação de outra (apódose)”. Destacamos, portanto, duas características essenciais e relacionadas: a interdependência e os correlatores, que são os pares (*não só... mas também; não só... mas ainda* etc) que iniciam os dois segmentos que compõem a construção.

As hipóteses gerais que buscamos comprovar com esta pesquisa são: (i) a correlação aditiva é mais frequente em sequências argumentativas; (ii) a correlação aditiva, ao contrário da coordenação aditiva, que tem como função a simples adição de elementos sem hierarquizá-los, possui outros propósitos comunicativos, que, em geral, atuam na defesa de um ponto de vista; (iii) a comparação entre as sincronias já analisadas e os resultados dos séculos XVII e XVIII configuram um caso de mudança construcional, nos termos de Traugott e Trousdale (2013).

Além disso, os objetivos específicos que norteiam nosso trabalho são os seguintes: analisar as bases que diferenciam a coordenação aditiva da correlação aditiva, de modo que seja possível contribuir para uma melhor caracterização da correlação; promover uma análise criteriosa dos dados de construções correlatas aditivas encontradas nos séculos XVII e XVIII, em termos morfossintáticos, semânticos, pragmáticos e discursivos, sob a perspectiva da LFCU; comparar os resultados das análises das sincronias em questão com as conclusões de Rosário (2012) e Gervasio (2016), com atenção para a tendência de usos de cada século; contribuir para o desenvolvimento das pesquisas funcionalistas acerca dos processos de conexão nos níveis oracional, suboracional e supraoracional, especialmente sobre o tema da correlação aditiva.

Este estudo tem o intuito de se inserir numa agenda recente de pesquisas funcionalistas que objetiva construir um panorama descritivo-analítico mais completo sobre o fenômeno da correlação aditiva. Essa intenção se insere no âmbito do Grupo de Pesquisa Conectivos e Conexão de Orações (CCO-UFF), que investiga o uso e a trajetória dos diferentes mecanismos de conexão de orações na língua portuguesa.

Após estas *Considerações iniciais*, este artigo se organizará da seguinte maneira: a seção *Pressupostos teóricos* dissertará sobre alguns conceitos-chave e sobre a vertente teórica que embasa este trabalho, a LFCU; depois, a seção *Metodologia* indicará alguns aspectos metodológicos importantes e, por fim, analisaremos alguns dados e traremos algumas *Considerações finais*.

Pressupostos teóricos

A Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) (cf. BYBEE, 2010; MARTELOTTA, 2011; FURTADO DA CUNHA et al., 2013; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016), que é a vertente teórica que embasa este trabalho, reúne pressupostos teórico-metodológicos da Linguística Funcional Clássica norte-americana e algumas contribuições da Linguística Cognitiva, especialmente da Gramática de Construções (GC), na linha de Goldberg (1995, 2006) e Croft (2001). Desse modo, a partir de pressupostos compartilhados por essas duas correntes, tais como: “rejeição à autonomia da sintaxe, a incorporação da semântica e da pragmática às análises, a não distinção estrita entre léxico e gramática, a relação estreita entre a estrutura das línguas e o uso que os falantes fazem dela nos contextos reais de comunicação [...]” (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013, p. 14), a LFCU propõe análises que consideram aspectos como: frequência de usos; inferências pragmáticas; modelagem das estruturas linguísticas nos diferentes contextos de uso etc; sempre partindo de dados reais de fala e escrita.

A LFCU defende que há uma constante renovação da língua pelo uso. Nesse sentido, a investigação da língua se dá tanto sob o ponto de vista da gramática quanto sob o ponto de vista do discurso, levando em consideração a correlação entre as estruturas linguísticas e suas funções discursivas. Essa vinculação entre os conceitos de *gramática* e *discurso* confirma o fato de que, consoante a GC, a gramática de uma língua é permanentemente afetada pelas diferentes situações de uso (CUNHA LACERDA; FURTADO DA CUNHA, 2017, p. 19). Desse modo, compreende-se que convivem, na gramática da língua, padrões regulares e formas emergentes;

essas últimas decorrentes das pressões de uso (cf. FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013, p. 15).

De acordo com Oliveira e Votre (2009, p. 99), o conceito de *discurso* se refere “às estratégias criativas dos usuários na organização de sua produção linguística, aos modos individuais com que cada membro da comunidade elabora suas formas de expressão verbal”, enquanto a *gramática* é concebida como “o conjunto das regularidades linguísticas, como o modo ritualizado ou comunitário do uso”. Tais definições nos levam à conclusão de que “se ao discurso cabe a liberdade e autonomia da expressão, à gramática compete a sistematização e regularização”. Há, portanto, entre as noções de *discurso* e *gramática*, uma relação de forte vinculação.

Na perspectiva da LFCU, a língua é “constituída de pareamentos forma-significado, as chamadas construções, organizadas em rede” (CUNHA LACERDA; FURTADO DA CUNHA, 2017, p. 18; GOLDBERG, 2006; LANGACKER, 2008). Assim, aquilo que entendemos como conhecimento linguístico dos falantes é o conhecimento dessa rede de construções. A língua é concebida como uma rede dinâmica, na qual as entidades do sistema se interconectam, e novos elos e novos nós se estabelecem no sistema de maneira contínua. (CUNHA LACERDA; FURTADO DA CUNHA, 2017, p. 19).

Defende-se, nessa perspectiva, uma abordagem holística dos usos linguísticos, considerando que as construções não produzem sentido de forma isolada e, portanto, é necessário considerar as relações contextuais, que incluem não somente os aspectos funcionais (fatores semânticos, pragmáticos e discursivos), mas também as propriedades formais, como as características morfossintáticas e fonológicas (cf. CROFT, 2001).

Além disso, ainda é necessário comentar brevemente a importância do modelo de Traugott e Trousdale (2013) para nosso estudo e para os estudos funcionalistas recentes. Os autores propõem um modelo construcional no qual a construção é representada pelo pareamento $[[F] \leftrightarrow [S]]$, tendo um elo simbólico entre a forma e o significado. Nessa abordagem, as construções são vistas em uma rede conceptual e se distribuem nos seguintes níveis hierárquicos: *esquema*, *subesquema*, *microconstrução* e *constructo*, que é a própria realização linguística. É preciso salientar ainda que, nessa abordagem, os autores têm o foco na mudança construcional e na construcionalização. A primeira se refere a uma mudança que afeta apenas uma dimensão da construção: a forma ou o significado, enquanto a segunda se refere à criação

de um novo pareamento forma-significado, isto é, à emergência de uma nova construção na língua. Em nosso trabalho, o foco está na mudança construcional.

Por fim, diante dos pressupostos básicos apresentados acima, ressaltamos que o intuito principal das pesquisas embasadas pela LFCU é descrever o inventário de construções das línguas, tanto em seu viés sincrônico quanto em seu viés diacrônico, a partir de dados empíricos, reais, considerando o uso como motor da mudança linguística.

Metodologia

Nesta seção, pretendemos discorrer sobre alguns aspectos metodológicos importantes adotados em nosso estudo sobre as construções correlatas aditivas nos séculos XVII e XVIII.

Em primeiro lugar, gostaríamos de esclarecer a escolha pelo recorte temporal específico que fizemos nesta pesquisa. Rosário (2012), em sua tese de doutorado, investigou as construções correlatas aditivas a partir da análise de discursos políticos deste início de século XXI. Gervasio (2016), em recente dissertação de mestrado, também se debruçou sobre o mesmo tema no recorte temporal dos séculos XIX e XX, contribuindo para a ampliação das sincronias analisadas. Dessa forma, notamos um importante mas ainda incipiente desenvolvimento da pesquisa da trajetória dessas construções na língua portuguesa. Sendo assim, a escolha pelos séculos XVII e XVIII se insere nessa agenda de pesquisas com a intenção de avançarmos na descrição de outros períodos ainda não estudados.

Além disso, ressaltamos que, neste trabalho, a metodologia a ser utilizada possui caráter não só teórico, mas também empírico. Nos procedimentos metodológicos que envolvem esta pesquisa, tanto o viés quantitativo como o qualitativo estão em cooperação, além da consideração acerca de fatores intra e extralinguísticos.

Partimos de uma revisão da bibliografia normativo-tradicional, investigando a abordagem da correlação aditiva feita pelos gramáticos mais influentes de língua portuguesa, assim como também buscamos nos atentar para a visão de autores estrangeiros sobre o assunto.

Em relação aos dados, salientamos que nossa coleta se deu em textos escritos dos séculos XVII e XVIII em dois diferentes *corpora* históricos disponíveis online: *Corpus Tycho Brahe (TB)*² e *Biblioteca Virtual Brasileira (BBM)*. No que diz respeito à análise dos dados encontrados, procuramos examinar não somente os aspectos formais das construções, tais como

² Disponível em: <http://www.tycho.iel.unicamp.br/corpus/>.

os fatores morfológicos e sintáticos de sua composição, mas também damos importância à questão da frequência de seus usos (BYBEE, 2007), bem como conferimos grande relevância aos fatores funcionais (semânticos, pragmáticos e discursivos).

Ainda em relação à questão da frequência, destacamos que distinguimos a frequência *type*, que se refere à frequência de aparecimento de um determinado padrão construcional, da frequência *token*, que está relacionada à quantidade de ocorrências de uma construção, isto é, ao número de vezes em que um determinado dado aparece no *corpus* (BYBEE, 2007, p. 338).

Na próxima seção, analisaremos alguns dados à luz da LFCU.

Análise de dados

Nesta seção, nos dedicaremos à análise de alguns dados de nossos *corpora*. Ressaltamos que esta análise não abarcará todos os pontos contemplados na pesquisa de mestrado em andamento, dada a limitação e a objetividade necessárias aqui. Como a correlação aditiva no século XVIII é um tema que já estudamos há mais tempo, dando continuidade a um projeto de Iniciação Científica (cf. ROSÁRIO; SOUZA, 2018), já possuímos resultados mais amplos. A Tabela 1 abaixo sintetiza alguns desses resultados:

	PARES CORRELATIVOS (TYPES)	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS	PERCENTU AL DE OCORRÊNCIA (%)
	<i>Não só... mas também</i>	24	28 %
	<i>Não só... mas</i>	18	21%
	<i>Não somente... mas também</i>	16	19%
	<i>Não somente... mas</i>	11	13 %
	<i>Não só... mas ainda</i>	09	11 %
	<i>Não só... como também</i>	03	3 %
	<i>Não somente... porém</i>	02	2 %
	<i>Não só... mas até</i>	01	1 %
	<i>Não só... senão ainda</i>	01	1 %
0	<i>Não somente... como</i>	01	1 %
	Total	86	100%

Tabela 2 – Extensão dos elementos correlacionados - século XVIII

Conforme a tabela acima, no que diz respeito à frequência *type*, tivemos o total de 10 (dez) diferentes padrões correlativos encontrados, num total de 86 (oitenta e seis) dados recolhidos de 1000 (mil) páginas analisadas. Como a análise que faremos pretende ser sintética, veremos dados apenas dos três *types* mais produtivos: *não só... mas também*; *não só... mas e não somente... mas também*.

O par correlativo aditivo *não só... mas também* foi o mais frequente em nossos dados. Ele apareceu em 28 (vinte e oito) das 86 (oitenta e seis) ocorrências:

(3) [...] Para vindicarmos o innocente caffè deitas calumnias, devemos entre o ufo, e abufio delle fazer differença devemos tambem diftinguir os temperamentos, as idades, em que convém, daquelles, em que he nocivo: nos temperamentos biliofos, feccos, adultos principalmente na idade juvenil, he prejudicial **naõ fó** o abufio, **mas tambem** o ufo: excepto em alguma occafião, que poderá fer remedio [...]. (BBM, 1741)

(4) [...] Hecerto, que as unicas substancias, que entrão no nutrimento da planta, são a agoa, e o ar; (1) mas he necessário quem distribua estes nutrimentos aos vegetaes; para esse fim destinou a Natureza a mesma terra, pelo que ella serve, **naõ só** de alicerce para a planta se ter em pé, **mas tambem** de dispenseira, permita-se-me esta expressão [...]. (BBM, 1799)

O exemplo (3) revela uma sequência correlata aditiva suboracional. Correlacionam-se, nesse caso, dois sintagmas nominais: “o abuso” e o “o uso”, pelo par correlato *não só... mas também*. Já em (4), os sintagmas correlacionados não são homogêneos como em (3), já que na prótase há um elemento verbal, enquanto na apódose há apenas o sintagma nominal “de dispenseira”. Um ponto em comum entre as duas ocorrências é o jogo argumentativo entre informação dada e informação nova: na prótase temos um elemento já esperado, de conhecimento comum e, na apódose, a novidade que se quer ressaltar, que é chave para a argumentação. Para Rosário (2012), um conceito que explica essa característica da correlação aditiva é a noção de *crescendum argumentativo*. Segundo ele, o sintagma escopado na prótase tem uma tendência de assumir o papel de dado, enquanto o sintagma escopado da apódose tende a trazer a informação nova.

Abaixo, temos um exemplo do nosso segundo *type* mais produtivo: o *não só... mas*:

(5) Paralíticos continuando a Electrisar-se, tornarão a ficar Paralíticos, e o que mais he, que alguns sendo só Paralíticos n'hum membro, o ficarão em todo o corpo, mas he tambem mais que certo de ter-se usado nessas curas mal succedidas de

comoções, sempre fortes para os doentes; e a Experiência **não só mas** a razão devem mostrar, que as fortes scyntillas, e comoções, que então usavão, irritando demaziadamente as partes enfermas não podião cauzar bons effeitos; [...] (BBM, 1800).

O dado (5) acima traz um exemplo interessante: temos um caso de correlação aditiva supraoracional no qual o par que encabeça a prótase está posposto ao sintagma a que ele se refere, contrariando a estrutura mais comum, que é: *não só* [SN ou SV], *mas* [SN ou SV].

Ao considerarmos a noção de prototipicidade, segundo a qual “o protótipo é a entidade central em torno da qual se organiza a categoria, situando-se no centro aqueles exemplares que têm maior semelhança com o protótipo, e na periferia os que têm menor semelhança” (NEVES, 2006, p. 22), os chamados exemplos periféricos não constituem um empecilho à caracterização da categoria, mas são apenas exemplos radiais que partilham algumas características com os elementos centrais, diferindo-se em alguns pontos. Sendo assim, como na LFCU não vemos as categorias como estanques, discretas, casos como esse são vistos apenas como mais afastados do protótipo.

A seguir, apresentamos um exemplo do terceiro par correlato com mais produtividade em nossos dados, o *não somente... mas também*. Vejamos:

(6) Nós presumimos bem, que a nação dispenderia considerável soma de dinheiro na construcção de hum Lazareto; mas pensamos também, que as vantagens commerciaes, que ella tiraria daqui, compensarião assás seu desembolço: **não somente** os navios que carregão em Turquia, **mas tambem** os que vem de todas as portos do Mediterraneo, contribuirião para pagar as despesas. (BBM, 1800)

No exemplo (6), defende-se a construção de um lazareto reconhecendo-se os altos custos, mas argumentando que haveria algumas vantagens comerciais decorrentes dessa edificação. Essas vantagens que compensariam as despesas são apresentadas por meio do par correlato *não somente... mas também*, sendo “os navios que carregão em Turquia” desfocalizados pela presença de *não somente*, e “os que vem de todas as portos do Mediterraneo”, a informação nova, principal, o argumento mais forte, encabeçado pelo elemento de contraexpectativa *mas* e pelo inclusivo *também*.

Vejam os abaixo a tabela demonstrativa da extensão dos elementos correlacionados, que demonstra a diversidade de possibilidade de ocorrências da correlação aditiva:

<i>TYPE</i>	SUBORACIONAL	ORACIONAL	SUPRAORACIONAL	<i>Tot al por type</i>
<i>Não só... mas também</i>	05	14	05	24
<i>Não só... mas</i>	03	07	08	18
<i>Não somente... mas também</i>	05	03	08	16
<i>Não somente... mas</i>	-	05	06	11
<i>Não só... mas ainda</i>	04	03	02	09
<i>Não só... como também</i>	01	-	02	03
<i>Não somente... porém</i>	-	-	02	02
<i>Não só... mas até</i>	01	-	-	01
<i>Não só... senão ainda</i>	-	01	-	01
<i>Não somente... como</i>	-	-	01	01
Total de tokens	19	33	34	86

Tabela 2 – Extensão dos elementos correlacionados – século XVIII

A Tabela 2 acima demonstra a frequência *token* de acordo com a extensão dos elementos correlacionados: sintagmas nominais (sequências suboracionais); orações (sequências oracionais) e várias orações (sequências supraoracionais). Os resultados demonstraram que o mais comum é a ocorrência de correlação aditiva em sequências supraoracionais, seguidas das oracionais e, por fim, as suboracionais.

A seguir, sintetizamos em um percentual aproximado a distribuição dos dados do século XVIII entre sequências descritivas e argumentativas:

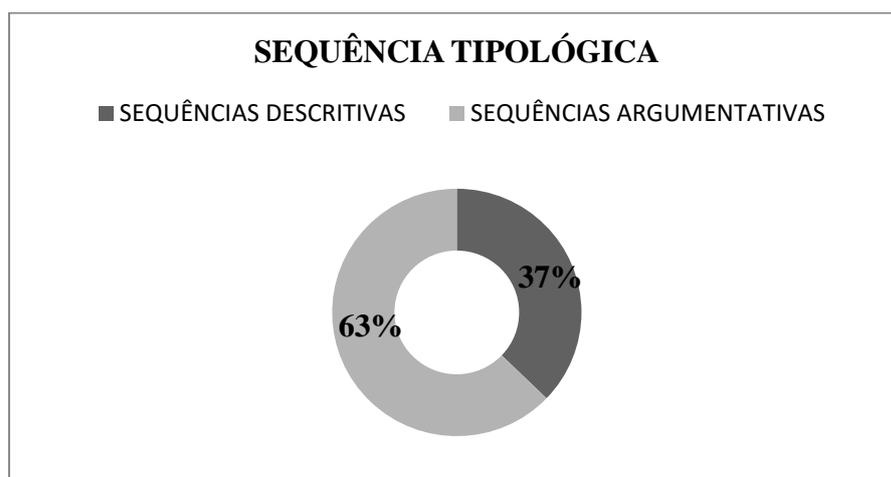


Gráfico 1 – Sequência tipológica – século XVIII

O Gráfico 1 corrobora nossa hipótese de que as construções correlatas aditivas tendem a ocorrer com mais frequência na argumentação, visto que mais de 60% das ocorrências encontradas foram em sequências predominantemente argumentativas.

Em relação aos resultados iniciais do século XVII, destacamos os 25 (vinte e cinco) dados encontrados nas 100 (cem) páginas analisadas até esta fase da pesquisa. A Tabela 3, a seguir, revela os 5 (cinco) *types* de correlação aditiva encontrados até o momento:

	PARES CORRELATIVOS	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS
1	<i>Não somente... mas</i>	10
2	<i>Não somente... mas ainda</i>	8
3	<i>Não só... mas</i>	3
4	<i>Não só... mas ainda</i>	3
5	<i>Não somente... mas também</i>	1
	Total:	25

Tabela 3 – Frequência de ocorrência (token) de cada type – século XVII

A Tabela 3 acima revela que os pares *não somente... mas e não somente... mas ainda* são os mais produtivos dentre os dados iniciais do século XVII. Abaixo, analisaremos algumas ocorrências desse período para compreendermos melhor suas características.

(7) [...] por muitas vezes se tem visto, com quanta facilidade se pode cercar o Estreito, de maneira que contra vontade de Espanha não saia vela alg~ua por ele. E quanto ao mar de Inglaterra, João Botero confessa que com h~ua boa armada que andasse naquela parte **não somente** asseguraria sua Majestade as costas de Espanha, e as frotas que vão e vêm do novo Mundo, Índias, e África, **mas** traria em perpétuo receio a Inglaterra, e aos estados de Holanda [...] (TC, 1624)

(8) [...] João de Barros com sua obrigação, não deixou grandes heranças a seus descendentes, nem por isso se devem eles ter por menos afortunados, porque se os pais ajuntam estas riquezas para que fiquem seus filhos mais honrados na República, não podiam os de João de Barros possuir morgados, por rendosos que fossem, que tanto os honrasse como terem tal pai, [...]; pois é certo, que um engenheiro raro, e eminente, honra **não somente** ~ua Família, Cidade, e Província inteira, **mas ainda** a idade, e século em que nasceu fica ilustrado com produzir um varão tão excelente. (TC, 1624)

Os dados (7) e (8) trazem sequências correlatas aditivas predominantemente argumentativas. Em (7), um argumento de autoridade – João Botero – é recrutado para validar a opinião defendida. Percebe-se claramente a ideia de uma gradação enfática que culmina com o segundo termo correlativo, encabeçado pelo elemento correlator “mas”. No dado (8), defende-se a ideia de que os descendentes de João de Barros devem se orgulhar de sua honrosa história e de suas contribuições, destacando que a figura de Barros deve orgulhar não só sua família, sua cidade e sua província de origem, mas o século em que ele nasceu e viveu sempre será lembrado como uma memória que remete a esse “varão tão excelente”. Percebe-se que há um jogo de destaque e certo apagamento de importância, uma desfocalização, entre os membros da prótase e da apódose. Os elementos “família”, “cidade”, “província” são mais esperados num contexto de admiração e reconhecimento, já os elementos “idade” e “século” têm um abrangência maior, o que se coaduna com o destaque que se quer dar a João de Barros.

Na Tabela 4 abaixo, sintetizamos a quantidade de dados encontrados de acordo com a análise da sequência tipológica:

SEQUÊNCIA TIPOLOGICA	Nº DE DADOS
ARGUMENTATIVA	21

DESCRITIVA	4
<i>Total:</i>	25

Tabela 4 – Sequência tipológica – século XVII

Apesar de os resultados do século XVII ainda serem incipientes, visto que só foram analisadas 100 páginas, notamos um expressivo número de sequências argumentativas em detrimento das sequências descritivas. Desse modo, assim como no século XVIII, confirma-se a tendência da ocorrência da correlação em sequências tipológicas predominantemente argumentativas.

Considerações finais

Neste trabalho investigamos as construções correlatas aditivas nos séculos XVII e XVIII sob o aporte teórico da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU). No que diz respeito aos resultados iniciais, notamos que as ocorrências encontradas nos dois períodos analisados se distribuem de forma heterogênea entre os diferentes *types* de correladores aditivos detectados, revelando uma grande diversidade morfosintática dessa construção. Além disso, vimos também que a maior parte dos dados encontrados no século XVIII e os dados iniciais encontrados no século XVII estavam em sequências argumentativas, o que corrobora nossa hipótese de que a correlação aditiva atua fortemente na argumentação, colaborando para a defesa de um ponto de vista. Por fim, notamos também que a correlação aditiva não se restringe a estruturas oracionais, mas atua também nos níveis abaixo da oração, entre sintagmas nominais, o que chamamos de construções suboracionais, e também no nível acima da oração, ligando porções maiores do discurso, o que chamamos de construções supraoracionais. Este último tipo de ligação se mostrou, inclusive, mais produtivo que os demais.

Em relação à intenção comparativa com estudos anteriores que também analisaram a correlação aditiva (ROSÁRIO, 2012; GERVASIO, 2016), cabe salientar que, nesta fase da pesquisa, ainda não temos resultados concretos acerca desse assunto. Em uma fase posterior, faremos uma comparação dos nossos resultados com as conclusões desses estudos mencionados.

Por fim, esperamos que este estudo possa contribuir para o desenvolvimento das pesquisas funcionalistas acerca dos processos de conexão nos níveis oracional, suboracional e supraoracional, especialmente sobre o tema da correlação aditiva. Ademais, esperamos também

que docentes e pesquisadores de língua portuguesa, interessados no tema de integração de orações, enxerguem neste trabalho uma alternativa à tradicional abordagem prescritiva, que dá lugar a um tratamento descritivo-reflexivo dos processos de ligação de algumas orações aditivas, abrangendo aspectos sintáticos, semânticos e discursivos.

REFERÊNCIAS

BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BYBEE, J. **Frequency of Use and the Organization of Language**. Oxford: University Press, 2007.

_____. **Language, usage and cognition**. Cambridge: CUP, 2010.

CASTILHO, A. T. **A língua falada no ensino de português**. São Paulo: Contexto, 2002.

_____. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

CROFT, W. **Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective**. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CUNHA LACERDA, P. F. A. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. **Revista Linguística**. Volume Especial, dez de 2016, p. 83-101.

_____; FURTADO DA CUNHA, M. A. Gramática de Construções: princípios básicos e contribuições. In: OLIVEIRA, M. R.; CEZARIO, M. M. **Funcionalismo Linguístico: Diálogos e vertentes**. Niterói-RJ: Eduff, 2017, p. 17-45.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; COSTA, M. A.; CEZARIO, M. M. Pressupostos teóricos fundamentais. In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. R.; MATERLOTTA, M. E. (orgs.). **Linguística Funcional: teoria e prática**, 1 ed., São Paulo: Parábola Editorial, 2015, p. 21-47.

_____; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística Funcional Centrada no Uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (Orgs.). **Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta**. Rio de Janeiro: Mauad - Faperj, 2013, p. 13-39.

GERVASIO, T. L. **A construção correlata aditiva nos séculos XIX e XX: uma proposta de análise centrada no uso**. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, Niterói – RJ, 2016.

GOLDBERG, A. **Constructions: a construction grammar approach to argument structure**. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

_____. **Constructions at work: the nature of generalization in language.** Oxford: Oxford University Press, 2006.

LANGACKER, R. W. **Cognitive Grammar: A Basic Introduction.** Oxford, Oxford University Press, 2008.

LUFT, C. P. **Moderna Gramática Brasileira.** São Paulo: Globo, 2000.

MARTELOTTA, M. E. **Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso.** São Paulo: Cortez, 2011.

MELO, G. C. **Gramática Fundamental da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2001.

MÓDOLO, M. Correlação: estruturalismo versus funcionalismo. **(Pré) publications: forskning og undervisning.** Romansk Institut: Aarhus Universitet, Danmark, 1999.

_____. A estrutura correlativa aditiva “não só... mas também” de uma perspectiva multissistêmica. **Estudos Linguísticos.** XXXIV. São Paulo: USP, 2005.

_____. As construções correlatas. In: ILARI, Rodolfo; NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática do Português Culto Falado no Brasil.** vol. 2. São Paulo, Unicamp, 2008.

_____. Tentativa de fixar uma tipologia sintática para as sentenças correlatas. **Estudos Linguísticos,** São Paulo, 40 (1): p. 459-469, jan-abr 2011.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Texto e gramática.** São Paulo: Contexto, 2006.

OITICICA, J. **Teoria da correlação.** Rio de Janeiro, Organizações Simões, 1952.

OLIVEIRA, M. R.; VOTRE, S. J. A trajetória das concepções de discurso e de gramática na perspectiva funcionalista. In: **Matraga,** Rio de Janeiro, v. 16, n. 24, jan./jun. 2009.

RODRIGUES, V. V. Correlação. In: VIEIRA, Silvia Rodrigues & BRANDÃO, Silvia Figueiredo (org.) **Ensino de gramática: descrição e uso.** São Paulo: Contexto, 2007, p. 225-235.

_____. Em foco a correlação. **Revista Diadorim / Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro.** Volume 16, Dezembro 2014

ROSÁRIO, I. C. **Construções correlatas aditivas em perspectiva funcional.** Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, Niterói - RJ, 2012.

_____; OLIVEIRA, M. R. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. In: **Alfa: Revista de Linguística (UNESP. Online),** v. 60, p. 233-259, 2016.

_____ ; SOUZA, B. S. Construções correlatas aditivas no século XVIII: uma análise sob a perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso. **Caderno Seminal Digital Especial**, nº1, v. 1, p. 133-173, 2018.

TRAUGOTT, E. C; TROUSDALE, G. **Constructionalization and constructional changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.